

A CONSTRUÇÃO VERBAL E VISUAL DOS VERBETES DE UM DICIONÁRIO MONOLÍNGUE BÁSICO EM LÍNGUA INGLESA

Lorena Américo Ribeiro Fechine¹

Antônio Luciano Pontes²

lorafechine@yahoo.com.br

pontes321@hotmail.com

Resumo: Recursos multimodais como cores, imagens, saliência e enquadres podem ser de grande utilidade para a identificação de informações específicas nos verbetes de dicionários de aprendizagem e para a visualização dos conteúdos expressos na microestrutura. Através da análise da estrutura visual e da metalinguagem utilizada para a elaboração de cinco verbetes de um dicionário desenvolvido para estudantes em transição entre a obra lexicográfica bilíngue e a monolíngue, este artigo considera a relação entre o visual e o verbal para a interpretação dos verbetes de um dicionário direcionado para este público em particular.

Palavras-chave: verbete lexicográfico; multimodalidade.

INTRODUÇÃO

O *Collins Cobuild Illustrated Basic Dictionary of American English* (2010) é um dicionário monolíngue semasiológico especialmente desenvolvido para aprendizes em fase de transição entre a obra lexicográfica bilíngue e a monolíngue. Portanto, os elementos da microestrutura e a metalinguagem utilizada foram elaborados tendo em mente este tipo de usuário.

A seleção da macroestrutura é baseada em um *corpus* computadorizado denominado *Bank of English*. Dessa forma, foi possível identificar os vocábulos de maior frequência e fazer uma distinção entre o vocabulário ativo (utilizado em situações de produção da língua) e

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará – UECE.

² Doutor em Linguística e professor adjunto da Universidade Estadual do Ceará – UECE.

o vocabulário passivo (usado em situações de recepção de textos orais e escritos). Essa diferença fica evidente na macroestrutura através do uso das cores – as palavras mais frequentes são apresentadas na cor rosa e as menos frequentes na cor azul.

Além das cores, o dicionário também faz uso de outros recursos visuais em sua macro e microestrutura, como enquadres, imagens e a saliência que, juntamente com a linguagem verbal, estruturam as várias partes do verbete.

Neste artigo, analisamos a importância dos diferentes recursos multimodais para a localização de informações específicas no interior dos verbetes deste dicionário e para a visualização dos conteúdos expressos pelos seus enunciados lexicográficos, bem como o tipo de metalinguagem utilizada em suas definições. Utilizamos, para sustentar nossa discussão, algumas considerações de Gelpí e Castillo (2004) e Pontes (2009) com relação ao verbete lexicográfico, aspectos da teoria da multimodalidade de Kress e van Leeuwen (2006) para análise dos recursos visuais e taxonomias discutidas por Bosque (1982), Porto Dapena (2002), Medina Guerra (2003) e Bugueño Miranda (2009) para uma análise metalexigráfica das definições.

O trabalho está dividido em duas seções principais. Primeiramente, discorreremos, de forma sucinta, sobre a importância do verbete como um todo para a compreensão do sentido da palavra desconhecida e a noção de que este é um gênero essencialmente multimodal. Em seguida, baseados na teoria acima referida, analisamos cinco verbetes do dicionário.

1. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

1.1 A INFORMAÇÃO TRANSMITIDA PELO ARTIGO LEXICOGRÁFICO

Conforme Pontes (2009: 100), “o verbete constitui um enunciado lexicográfico, ou texto, que se forma a partir de um conjunto de respostas a uma série de perguntas que o usuário do dicionário pode fazer acerca de uma mesma unidade léxica, que aparece como entrada.” Portanto, além da definição da palavra, o verbete também fornece várias outras informações que determinam a palavra-entrada, tais como sua pronúncia, sua etimologia, informações gramaticais, marcas lexicográficas ou particularidades de uso, informações paradigmáticas (ou seja, lexemas que mantêm alguma relação semântica com a entrada, tais como sinônimos, antônimos, parônimos e derivados), exemplos de uso, informações enciclopédicas, dentre outras.

Com efeito, conceber a definição como a parte mais importante do dicionário pode implicar uma leitura parcial e insuficiente do mesmo. Segundo Gelpí e Castillo (2004: 131), a definição não é a única indicação que fornece significado, não é a única indicação que descreve o significado e o significado da palavra não é completamente transmitido a partir da definição. Portanto, a definição pode representar o conceito, mas não é a única indicação do dicionário que cumpre essa missão. A unidade estrutural que transmite o conhecimento em um dicionário é o verbete lexicográfico.

Por um lado, deve ser considerado que a transmissão do significado da unidade contida no dicionário é responsabilidade do artigo lexicográfico e não só da definição. Por outro lado, deve ser levado em consideração que o sentido é transmitido por e no artigo, o que permite dar informação qualitativa e quantitativamente superior à informação que a definição pode oferecer.” (GELPÍ e CASTILLO, 2004: 131)

Portanto, cada um dos elementos do paradigma acima citados contribuem para a compreensão da palavra-entrada em sua totalidade.

1.2 VERBETE: UMA ESTRUTURA MULTIMODAL

Uma análise multimodal (KRESS E VAN LEEUWEN, 2006) consiste em considerar a relação entre os diferentes códigos semióticos (visuais, escritos, sonoros etc.) para a produção/compreensão do sentido de um texto.

A análise multimodal deve trabalhar com conceitos e métodos que não são específicos à língua, ou a nenhum outro modo, mas que podem ser aplicados relacionando-se os diferentes modos. Tais conceitos deverão necessariamente centrar-se nas *funções* comunicativas que podem ser realizadas por vários ou todos os modos semióticos. (VAN LEEUWEN, 2004: 15)³

Pontes (2009: 28) considera o texto lexicográfico como multimodal, isto é, composto por mais de um modo semiótico, compreendendo elementos verbais e não-verbais em sua constituição. O autor chama a atenção para a importância dos aspectos visuais na organização dos verbetes como recurso para a localização de determinados tipos de informação no dicionário:

³ *Multimodal analysis must work with concepts and methods that are not specific to language, or indeed to any other mode, but can be applied cross-modally. Such concepts will necessarily center on the communicative functions that can be fulfilled by several or all semiotic modes.* (Tradução nossa)

No seu interior, cada paradigma é identificado por tipos, cores e tamanhos de letra diversos, indicados, ainda, por símbolos e sinais igualmente diversos, ou seja, os diferentes tipos de letras, combinados por vezes com cores e tamanhos variados, constituem um recurso muito utilizado para diferenciar as diversas informações. Mas, além disso, símbolos, assim como sinais de pontuação, são utilizados para auxiliar o leitor na busca das informações.

Dessa forma, tais recursos visuais devem ser considerados para uma utilização eficaz da obra lexicográfica.

2. ANÁLISE DOS VERBETES

A seguir, faremos uma análise da estrutura de cinco verbetes do dicionário em estudo (as entradas selecionadas foram *a*, *accident*, *face*, *musical instrument* e *sick*), a fim de verificar como a relação entre os modos semióticos verbal e visual contribui para a interpretação dos elementos da microestrutura.

a /ə, STRONG eɪ/ or **an** /ən, STRONG æn/

LANGUAGE HELP
Use **an** before words that begin with the sound of **a, e, i, o, or u**.

1 ARTICLE You use **a** or **an** before a noun when people may not know which particular person or thing you are talking about. □ *A waiter came in with a glass of water.* □ *He started eating an apple.*

2 ARTICLE You use **a** or **an** when you are talking about any person or thing of a particular type. □ *You should leave it to an expert.* □ *Bring a sleeping bag.*

3 ARTICLE You use **a** or **an** instead of the number "one" before some numbers or measurements. □ *...a hundred miles.*

4 ARTICLE **A** or **an** means "each" or "for each." □ *Cheryl goes to London three times a month.*

Usage a
A is usually used before singular nouns beginning with consonants. Here are some examples: **a** car, **a** friend, **a** job, **a** phone, **a** teacher. **An** is usually used before words beginning with vowels. Here are some examples: **an** apartment, **an** elevator, **an** ice cream, **an** ocean, **an** umbrella

Figura 1: verbete para a entrada *a*

A apresentação da entrada em cor rosa indica-nos que *a* é um vocábulo frequente na língua. A entrada é apresentada como lema duplo, pois são fornecidas as duas formas do artigo indefinido – dependendo do som inicial da palavra que segue o artigo, ele adquirirá a forma *a* (antes de sons consonotais) ou *an* (antes de sons vocálicos). Esta informação fica explícita no quadro azul com fundo transparente denominado *Language Help*, apesar de ele não fazer referência quanto ao uso do *a* (os autores devem ter pensado que tal informação poderia ser inferida pelo aluno, por eliminação). Percebemos o caráter simplista da linguagem utilizada na explicação quando os autores preferem utilizar as cinco vogais para indicar o som que sucede o artigo *an*, ao invés da expressão *vowel sounds* (sons vocálicos).

As acepções são identificadas por uma numeração inserida em um quadrado com fundo azul. Cada acepção aparece separadamente, uma embaixo da outra, de forma a facilitar a localização do significado pretendido pelo consulente (a maioria dos dicionários apresenta as acepções linearmente, tornando o verbete denso). A informação da categoria gramatical é bastante saliente através do negrito e das letras em maiúsculo. São oferecidas quatro acepções para a palavra-entrada *a* e todas indicam que se trata de um artigo. Essa informação não é apresentada de forma abreviada, como comumente ocorre com a maioria dos dicionários, o que permite uma fácil identificação da classe gramatical por parte do usuário iniciante.

Em todas as definições, a palavra-entrada é repetida, em negrito, o que está em desacordo com um dos princípios que regem a definição clássica, que sugere que a unidade léxica não deve figurar na definição como descritor. Porém, este recurso torna a definição mais didática, pois devido à presença da palavra *you* (você) e da repetição da entrada, a linguagem assemelha-se à de um professor explicando o significado do vocábulo ao aluno. Devido ao caráter genuinamente gramatical do artigo *a*, as acepções 1 e 2 apresentam definições metalinguísticas, ou seja, descrevem a palavra quanto aos seus valores, funções ou usos. Este tipo de definição diferencia-se da definição parafrástica, que propõe um significado semântico para a palavra. Tal distinção tem por base a natureza da metalinguagem empregada na definição (BOSQUE, 1982; PORTO DAPENA, 2002; MEDINA GUERRA, 2003). As acepções 3 e 4, apesar de serem apresentadas em forma de perífrase, configuram-se como definições lexicográficas sinonímicas, pois estabelecem relações de substituíbilidade entre a entrada e outras palavras e expressões.

Para cada acepção são apresentados exemplos, como forma de contextualizar a palavra e oferecer casos de colocação, segundo ocorre nas acepções 3 e 4. Conforme Humblé (2006), o uso de exemplos é uma prática comum em dicionários que fazem uso de *corpus* para a sua

constituição, e conferem um caráter didático à obra lexicográfica, pois são bastante utilizados pelos alunos em situações de produção da língua. Todos os exemplos do dicionário em questão são identificados após um quadrado transparente (um símbolo) e aparecem em itálico.

Por fim, é apresentada uma explicação de natureza gramatical, inserida em um enquadre denominado *Usage*. Nas páginas iniciais do dicionário encontramos um guia do usuário com explicações sobre a função de cada tipo de enquadre utilizado na obra. A seção *Usage* é identificada por um enquadre de cor laranja e, segundo informações oferecidas neste guia, oferece dicas sobre uso das palavras com a finalidade de evitar erros. Com relação ao vocábulo *a* como artigo indefinido, novamente é fornecida nesta seção uma comparação com o artigo *an*, porém desta vez, pelo que parece, é considerada a letra inicial da palavra que acompanha o artigo e não o som para a distinção entre as duas unidades em questão. Além disso, há a informação de que esses artigos só devem ser utilizados antes de palavras em sua forma singular. Para cada explicação, são oferecidos exemplos de uso do artigo com palavras isoladas.

accident /æksɪdənt/ (accidents)

1 NOUN An **accident** happens when a vehicle hits something and causes injury or damage. □ *There were 14 highway accidents yesterday afternoon.*



2 NOUN If someone has an **accident**, something bad happens to them by chance, sometimes causing injury or death. □ *She died in a car accident.*

3 If something happens **by accident**, it happens by chance. □ *We met by accident at a party in Los Angeles.*

→ look at **car**

Word Partners Use **accident** with:

N. **car accident** **1**

ADJ. **bad accident** **1 2**

V. **cause an accident, killed in the accident, report an accident** **1 2**

PREP. **by accident** **3**

Figura 2: verbete para a entrada *accident*

O primeiro aspecto que devemos observar com relação a este verbete é que a entrada é apresentada na cor azul, o que denota que estamos diante de uma palavra menos frequente na língua. Além disso, podemos perceber que no próprio lema é explicitada a separação silábica

da palavra, o que, segundo Pontes (2009: 116) pode confundir o aluno, que poderá não associar esta palavra àquela presente no texto que esteja lendo. Porém, achamos que a forma de separação oferecida, com barras entre as sílabas, não compromete a identificação da palavra por parte do estudante, pois as barras tornam-se discretas com relação às letras em negrito. No mais, consideramos a separação silábica um recurso pedagógico a mais que auxiliará o aluno principalmente durante produções textuais escritas, apesar de não ser um aspecto de tanta relevância para a língua inglesa quanto o é para a língua portuguesa.

Logo após a pronúncia, é oferecida, entre parênteses, uma informação de natureza morfológica: a forma plural da entrada. Este é um recurso de grande valia para os estudantes, particularmente durante suas produções escritas. Algumas obras lexicográficas oferecem somente os plurais irregulares; porém, percebemos que há a preocupação neste dicionário em oferecer todas as formas plurais para os substantivos, sejam elas regulares ou irregulares (*accidents* é um exemplo de plural regular). Mais uma vez fica evidente o caráter pedagógico da obra como instrumento não somente para consulta, mas para o aprendizado ativo da língua.

Novamente, as acepções são estruturadas em separado, uma embaixo da outra. E, mais uma vez, em todas elas a entrada é repetida. Essa prática ocorrerá em todo o dicionário, pois, como já dissemos, a intenção é apresentar a definição de forma didática e acessível.

Nas duas primeiras acepções, é informado que a entrada é um substantivo. O tipo de definição utilizada em todas as acepções assemelha-se ao que Bogueño Miranda (2009: 255) classifica como **paráfrase explanatória operacional**. Este tipo é descrito pelo autor da seguinte forma:

Nesse tipo de definição, não existe representação do conteúdo da unidade léxica, mas são oferecidas regras para o emprego “situacional” da entidade denotada pelo signo linguístico.

A palavra *accident* não é definida em termos de seu conteúdo semântico, como ocorre na definição lexicográfica clássica, tão defendida pelos lexicógrafos como o tipo ideal. Em vez disso, é oferecida uma situação concreta que contextualiza a palavra e, através da visualização mental desta situação, o consultante compreende o significado da palavra. Esta definição é citada por Alves (1996: 125), em um estudo sobre a elaboração de definições para termos da área da inteligência artificial, como **definição por implicação**. Tal maneira de definir a entrada parece ser mais didática, pois é menos abstrata e, portanto, mais facilmente apreensível pelo aluno.

A terceira acepção oferece um caso de colocação: a expressão *by accident*. Porém, a combinação da palavra-entrada com outros vocábulos é melhor explicitada no enquadre identificado pela cor roxa denominado *Word Partners*. Nesta seção, são fornecidos casos de uso da palavra *accident* com vocábulos pertencentes a diferentes classes gramaticais que são indicadas por letras azuis e de forma abreviada. Além disso, cada exemplo de colocação remete às diferentes acepções do verbete, por meio da numeração utilizada para identificar cada acepção.

Da mesma forma que o verbete analisado anteriormente, exemplos são fornecidos para cada acepção como uma forma de contextualização da palavra. Essa prática ocorrerá em todas as acepções do dicionário. Para finalizar, a presença de uma imagem representando um acidente de carro reforça a explicação presente nas duas primeiras acepções. Aliás, devido à forte referência à ideia “acidente de carro” nestas duas acepções, há um direcionamento para o verbete cuja entrada é “carro”.

face /feɪs/ (*faces, facing, faced*)

1 NOUN Your **face** is the front part of your head. □ *She had a beautiful face.*

2 NOUN The **face** of something is the front or a vertical side of it. □ *...the south face of Mount Everest.* □ *...a clock face.*

3 VERB To **face** a particular direction means to look in that direction. □ *They stood facing each other.* □ *Our house faces south.*

4 VERB If you **face** something unpleasant, you have to deal with it. □ *Williams faces life in prison.* □ *I can't face telling my girlfriend.*

5 If you are **face to face** with someone, you can look at them directly. □ *I got off the bus and came face to face with my teacher.*

6 If you **make a face**, you change your face into an ugly expression. □ *She made a face at the horrible smell.*

→ look at Picture Dictionary: **face**

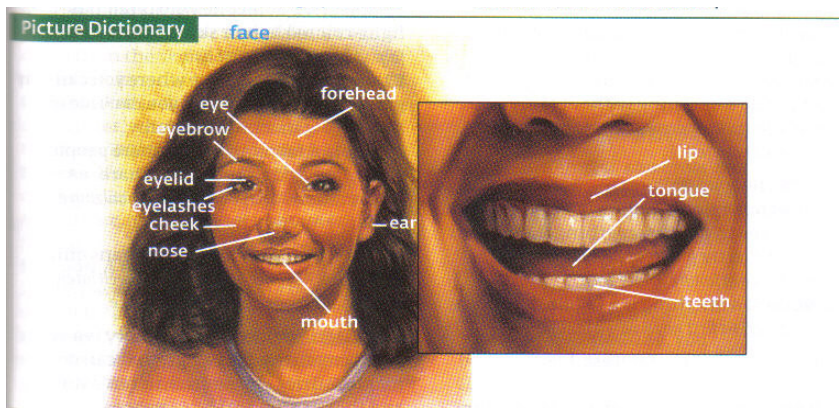


Figura 3: verbete para a entrada *face*

Da mesma forma que o verbete analisado anteriormente, é oferecida uma informação de cunho morfológico entre parênteses, logo após a pronúncia. Porém, esta informação somente considera a entrada como verbo, através da apresentação das três formas que este pode adquirir: a 3ª pessoa do singular do tempo presente (*faces*), o particípio presente (*facing*) e o particípio passado (*faced*). Desconsidera-se, portanto, o caráter nominal da palavra, e não é fornecida a sua forma plural, por exemplo, como ocorre com todos os outros substantivos do dicionário. Salienta-se que esta palavra é mais conhecida em sua forma nominal, o que poderia induzir o consulente a achar que *faces* (a primeira forma apresentada entre parênteses) é uma referência ao plural de *face*.

São apresentadas seis acepções para a entrada, sendo que as duas últimas são expressões idiomáticas. As acepções 1 e 2 consideram a entrada como substantivo. As

definições utilizadas para estas duas acepções podem ser classificadas como **hiperonímicas**, se levarmos em conta a natureza da metalinguagem empregada, e como **lexicográficas**, se considerarmos a natureza do definido e a informação proporcionada na definição (BOSQUE, 1982; PORTO DAPENA, 2002; MEDINA GUERRA, 2003). São hiperonímicas porque há uma identidade sinonímica entre definido e definição, ou seja, as definições para a palavra *face* da forma que são apresentadas aqui podem substituí-la dentro de uma frase, por exemplo. Também são lexicográficas porque tais definições explicam este signo da língua identificando os traços relevantes que o diferenciam dos outros signos.

O mesmo pode ser dito sobre a definição utilizada para a acepção 3, que considera a entrada como um verbo. Já para a acepção 4, que também percebe a palavra *face* como verbo, é oferecida uma definição do tipo **paráfrase explanatória operacional**, visto que a palavra é entendida dentro de uma situação concreta, conforme foi explicado na análise do verbete anterior.

Nas duas últimas acepções, são fornecidos casos de expressões idiomáticas com a palavra *face*. Segundo Duran e Xatara (2006: 59), “a aprendizagem de colocações e expressões em língua estrangeira é fonte de grande dificuldade e, por isso, os dicionários bilíngues devem reservar-lhe uma atenção especial”. Tais autoras diferenciam colocações de expressões idiomáticas ressaltando que estas são constituídas por um agrupamento de palavra mais fixo que aquelas. Ambas as expressões aqui referidas são definidas através de uma paráfrase explanatória operacional.

Contudo, o que mais chama a atenção na definição da entrada *face* é a utilização de uma imagem e o modo como esta é estruturada: o rosto é apresentado juntamente com a nomeação dos componentes que o constituem. Este é um exemplo clássico do que Kress e van Leeuwen (2006) classificam em sua teoria sobre análise de imagens como um **processo conceitual analítico** pertencente à **metafunção representacional**. De acordo com os autores, a metafunção representacional conceitual estabelece uma taxonomia, uma classificação, em que os componentes da imagem são expostos como se estivessem subordinados a uma categoria superior. O processo analítico é representado através da relação entre as partes (os atributos possessivos) de um todo (o portador).

Percebemos que esta forma de representação pictórica da palavra-entrada é bastante didática, pois os alunos têm acesso a vários outros vocábulos relacionados à palavra *face*. A imagem é fornecida em um enquadre identificado pela cor verde denominado *Picture Dictionary*.

musical instrument (musical instruments) **NOUN** MUSIC A musical instrument is an object such as a piano, a guitar, or a violin that you play in order to produce music. □ The drum is one of the oldest musical instruments.
 → look at Picture Dictionary: musical instruments

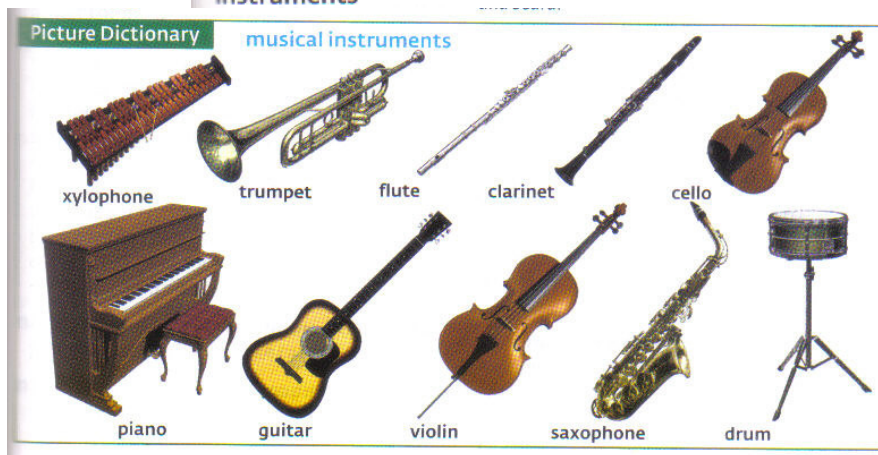


Figura 4: verbete para a entrada *musical instrument*

O primeiro fator a ser observado com relação a este verbete é que a entrada é constituída por uma unidade fraseológica. Através de um estudo sobre os aspectos relacionados à seleção de fraseologias e a elaboração de verbetes para tais unidades de sentido em dicionários de espanhol, González Aguiar (2003) conclui que o grau de fixação e a frequência são fatores determinantes para catalogar estas unidades dentro do grupo de formas complexas. Estes dois critérios podem ser utilizados para explicar a escolha de *musical instrument* como entrada para um verbete.

Mais uma vez é apresentada a forma plural da unidade (entre parênteses) e a classe gramatical a qual pertence. Porém, neste verbete também fica explícito, inserido em um fundo azul semitransparente, uma marca de uso que indica o contexto de especialidade onde o termo é utilizado (*music*). Marcas desta natureza são classificadas como **tecnoletais** ou **diatécnicas** (PONTES, 2009: 157).

É bastante evidente que estamos diante de uma definição **hiperonímica**, identificada pela presença de um gênero próximo e uma diferença específica, (neste caso, o gênero próximo seria o arquilexema ou hiperônimo “objeto”, e a diferença específica seria a informação que restringe o hiperônimo, ou seja, “que você toca com a finalidade de produzir

música”). No entanto, o fato de remeter a outras palavras para efeito de exemplificação confere a esta definição um caráter **extensional**. Há uma clara referência a uma fração da realidade extra-linguística através dos termos *piano*, *guitar* e *violin*.

De modo similar ao verbete anterior, é utilizada uma imagem para reforçar o que foi explicado na acepção. Porém, neste caso o relacionamento entre os elementos da imagem é representado através de um processo designado por Kress e van Leeuwen (2006) como **conceitual classificacional**, também pertencente à **metafunção representacional**. Nesta forma de organização visual, os participantes (os subordinados) são apresentados em termos de um elemento superior que os define (o superordinado). Essa forma de representação visual do conteúdo da definição faz uma referência implícita a outros lemas do dicionário, que são dispostos nesta imagem como exemplos da palavra-entrada.

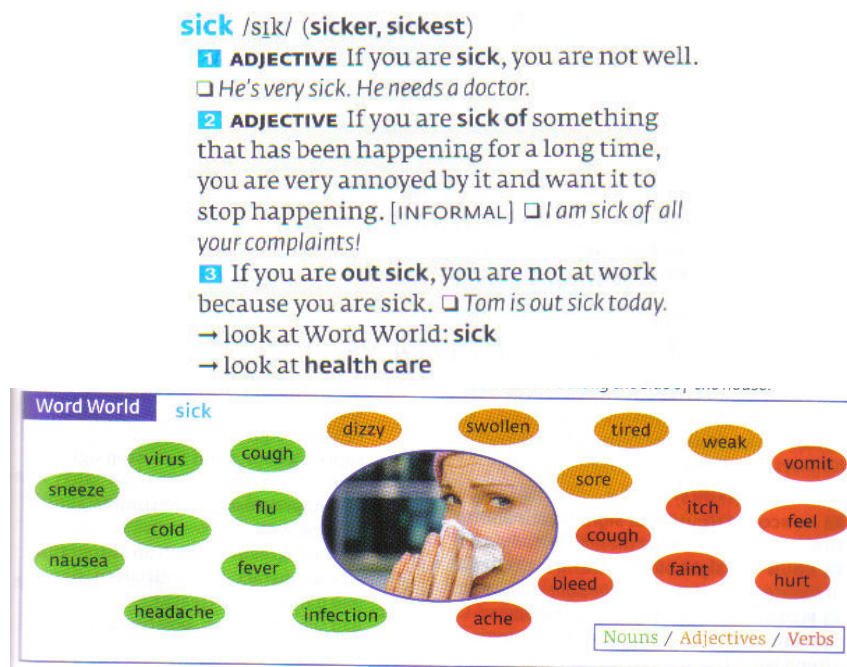


Figura 5: verbete para a entrada *sick*

Do mesmo modo que todos os outros verbetes do dicionário, é apresentada, logo após a pronúncia, uma informação gramatical de natureza morfológica. Neste caso, já que estamos diante de um adjetivo, são fornecidas suas formas comparativa e superlativa.

As definições utilizadas para as três acepções são do tipo **paráfrase explanatória operacional**, pois, conforme já dissemos, a palavra é compreendida dentro de uma situação concreta. Na segunda acepção, temos um uso restrito do vocábulo *sick* em uma situação

informal, conforme indicado entre colchetes. Na terceira acepção é fornecida a definição para um caso de expressão idiomática.

Finalmente, são apresentadas remissões ao quadro identificado pela cor roxa denominado *Word World* e ao verbete cuja entrada é *health care*. A seção *Word World* faz uso de recursos visuais (cores) para distinguir três categorias gramaticais de palavras semanticamente relacionadas à entrada: os substantivos estão inseridos em um fundo verde; os adjetivos, em um fundo laranja; e os verbos, em um fundo vermelho, conforme a legenda no canto inferior direito. Todas as palavras aparecem ao redor de uma imagem representativa da entrada *sick*. A cor, neste caso, é um recurso bastante didático para a distinção de informações de natureza diversa.

(...) a cor pode ser claramente utilizada para denotar pessoas, lugares e coisas específicas, como também classes de pessoas, lugares e coisas, e ideias mais gerais. (KRESS e VAN LEEUWEN, 2002: 347)⁴

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao oferecer uma obra monolíngue para aprendizes que se encontram em um nível elementar da língua, os autores propiciam uma oportunidade de aprendizado de novas unidades lexicais em língua estrangeira por meio da própria língua estrangeira. Porém, todos os elementos da microestrutura devem ser cuidadosamente elaborados de modo a auxiliar este usuário a compreender o significado do vocábulo desconhecido.

Predomina no dicionário em análise a definição referida por Bugueño Miranda (2009) como **paráfrase explanatória operacional**. Tal forma de definição faz uso de uma situação concreta que contextualiza a palavra e, através da visualização desta situação, o consulente compreende o significado da palavra. Outros recursos utilizados pelos autores na construção das definições são a repetição da entrada como elemento descritor e o uso constante do pronome de tratamento *you* (você). Este modo de elaboração da definição torna a obra bastante didática, pois, conforme já comentamos, a linguagem assemelha-se à de um professor ensinando o conteúdo da palavra a seus alunos. Béjoint (2000: 199 apud WELKER 2004: 123) salienta o fato de nem sempre a definição clássica, aristotélica ou hiperonímica ser

⁴ (...) colour clearly can be used to denote specific people, places and things as well as classes of people, places and things, and more general ideas. (Tradução nossa)

a mais adequada para a transmissão do significado de um vocábulo, e sugere que se considere a eficácia dos diversos tipos de definição com relação a diversos tipos de usuários e classes de palavras.

Os recursos multimodais utilizados, principalmente as cores e as imagens, desempenham neste dicionário um importante papel na apreensão do significado das palavras. As cores, os símbolos, a saliência visual e os enquadres são utilizados como elementos diferenciadores dos diversos tipos de informações que constituem o verbete, tornando desnecessária a presença de explicações extras que tomariam espaço e poderiam confundir o usuário.

Assim, o verbal e o visual são integrados de forma a facilitar a localização e a compreensão dos significados veiculados pela obra lexicográfica.

AGRADECIMENTOS: À editora *Heinle Cengage Learning*, pela concessão de direito de uso do dicionário para a elaboração do presente trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ALVES, Ieda Maria. Definição Terminológica: da Teoria à Prática. In: *TradTerm 3*, 1996.
2. BOSQUE, José Ignacio. Sobre la Teoría de la Definición Lexicográfica. In: *Verba*, Anuario Galego de Filología, v. 9, 1982.
3. BUGUEÑO MIRANDA, Félix. Para uma Taxonomia de Paráfrases Explanatórias. In: *Alfa- Revista de Linguística*, v. 53, n. 1, 2009.
4. DURAN Magali Sanches & XATARA, Claudia Maria. A Metalexigrafia Pedagógica. In: XATARA, C. M. & HUMBLÉ, P. (org.). *Cadernos de Tradução*, n. 18, 2006/2.
5. GELPÍ, Cristina & CASTILLO, Núria. As Definições de Conceitos Especializados em Dicionários Monolíngues. In: KRIEGER, M. G. & ARAÚJO, L. (org.). *A Terminologia em Foco*. Cadernos de Tradução, n. 17, 2004.
6. GONZÁLEZ AGUIAR, Maria Isabel. Fraseología y Lexicografía: Análisis y Propuestas. In: *Revista de Lexicografía*, v. 9, 2003.
7. HUMBLÉ, Philippe. Melhor do que Muitos Pensam: Quatro Dicionários Bilíngues Português-Ingês de Uso Escolar. In: XATARA, C. M. & HUMBLÉ, P. (org.). *Cadernos de Tradução*, n. 18, 2006/2.

8. KRESS, Gunther. & VAN LEEUWEN, Theo. Colour as a Semiotic Mode: Notes for a Grammar of Colour. In: *Visual Communication*, v. 1, n 3, 2002.
9. _____. *Reading Images: the Grammar of Visual Design*. 2ª edição. London & New York: Routledge, 2006.
10. MEDINA GUERRA, Antonia. La Microestructura del Diccionario: la definición. In: MEDINA GUERRA, A. (org.). *Lexicografía Española*. Barcelona: Ariel Lingüística, 2003.
11. PONTES, Antônio Luciano. *Dicionário para Uso Escolar: o que é, como se lê*. Fortaleza: EdUECE, 2009.
12. PORTO DAPENA, José Alvaro. *Manual de Técnica Lexicográfica*. Madrid: Arcos Libros S. L., 2002.
13. VAN LEEUWEN, Theo. Ten Reasons Why Linguists Should Pay Attention to Visual Communication. In: LEVINE, P. & SCOLLON, R. *Discourse and Technology: Multimodal Discourse Analysis*. Washington D.C.: Georgetown University Press, 2004.
14. WELKER, Herbert Andreas. *Dicionários: uma Pequena Introdução à Lexicografia*. 2ª edição. Brasília: Thesaurus, 2004.

DICIONÁRIO ANALISADO

COLLINS COBUILD Illustrated Basic Dictionary of American English. Boston, MA: Heinle Cengage Learning, 2010.

Abstract: Multimodal resources such as color, images, salience and framing can be very useful for the identification of specific information in the entries of learner's dictionaries and they can also help students visualize the content expressed in the microstructure. Through an analysis of the visual structure and the metalanguage used for the elaboration of five entries belonging to a dictionary aimed at students making a transition between the bilingual and the monolingual dictionary, this paper considers the relationship between the visual and the verbal in the interpretation of dictionary's entries aimed at this particular audience.

Keywords: dictionary entry; multimodality.

Recebido no dia 07 de maio de 2011.

Aceito para publicação no dia 27 de julho de 2011.